

“F DE FESTA, FOLCLORE E FONEMAS”: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A PRÁTICA DO ESTÁGIO EM EDUCAÇÃO MUSICAL

HENRIQUE GUERREIRO DINIZ ALVARENGA¹;

LÉLIA NEGRINI DINIZ²;

¹Universidade Federal de Pelotas – henriquegdalvarenga@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – leliabrancodiniz@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado, nos cursos de licenciatura, consiste em uma atividade singular no processo formativo dos licenciandos, uma vez que permite uma primeira aproximação dos estudantes com a regência de sala de aula, na prática real da docência na Educação Básica. Sua ação é regulamentada pela Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, que o conceitua como “ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior [...]” (BRASIL, 2008).

Contudo, a prática do estágio supervisionado não se reduz ao simples ministrar de aulas, mas de uma sensível aproximação do estagiário, enquanto futuro educador, à figura e à ação docente, conhecendo e assumindo os aspectos positivos e negativos, as alegrias e os dilemas que envolvem a profissão. Trata-se, portanto, de um momento no qual o estagiário começa a identificar-se como professor, dando os primeiros passos na construção da sua prática docente e aliando os conhecimentos teóricos construídos na universidade à realidade da educação básica onde atua.

Pode-se compreender o estágio também como um período oportuno de aproximação e inserção do estagiário na realidade escolar como um todo. O Estágio, nessa concepção, não contemplaria somente os momentos de regência de aulas, que são, de fato, o centro do processo de estágio, mas também a construção de relações profissionais com diferentes colaboradores da escola, um aprofundamento da compreensão da realidade social, cultural, econômica e educativa na qual a escola está inserida, bem como a experiência de trabalho em consonância com uma estrutura pedagógica e administrativa existente (direção, coordenação e instrumento curricular).

Diante desse processo tão complexo de inserção em uma nova realidade, o Estágio estabelece-se, para o licenciando estagiário, como um momento propício para uma reflexão crítica de si como estudante universitário e professor, sua ação em um processo real de ensino e aprendizagem, na tomada de consciência dos pontos a serem melhorados e no modo de como fazê-los.

O presente texto objetivou tecer uma reflexão sobre a experiência do autor neste prelúdio ao “ser professor”, por meio da disciplina Estágio III do Curso de Música Modalidade Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), que abrange a ação docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental da Educação Básica. Para tanto, construiu-se, ao longo do texto, um relato do processo vivenciado durante a disciplina de Estágio III, desde o primeiro contato com a escola até o processo de avaliação da turma, sobre o qual foram traçados paralelos com a literatura acadêmica

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Os estudantes da disciplina de Estágio III ficaram incumbidos de ministrar as aulas para as turmas de 1º a 5º ano de uma escola da Rede Estadual de Ensino, do bairro Centro, no semestre letivo 2024.1. Em uma primeira visita à escola, anterior à aula de observação, pude ter uma primeira noção da infraestrutura da escola e me apresentar ao corpo docente. A escola possui salas de aula relativamente pequenas, comparáveis ao tamanho de quartos grandes de uma casa, bem como corredores e escadas estreitas. Na sala dos professores, onde fomos inicialmente recebidos naquele dia, pude perceber que a coordenação atua de modo particularmente conjunto às docentes, prezando pelo diálogo com as professoras. Nesse ambiente da sala dos professores, tomei real consciência do primeiro desafio que se me apresentava: a escola não tinha aulas de música no currículo, nem materiais que pudessem ser utilizados na aula de música, como instrumentos. Nesse sentido, a não inserção de música no currículo da escola, bem como a falta de materialidades próprias, mostrou-me a necessidade de delinear um programa para ação pedagógica, considerando as necessidades e potencialidades da turma, com o rigor e reflexão da prática pedagógica cientificamente embasada.

Nesta conjuntura, rodeado por múltiplos desafios e questionamentos, fui para a minha aula de observação. Na ocasião, além de observar o desenrolar da aula, pude conversar de forma mais aprofundada com a professora regente da turma. A professora contou-me da situação de grande parte dos alunos, que ainda não estão alfabetizados, de modo a estorvar o avanço do conteúdo programático normal para o 3º ano. Para além da realidade de não-alfabetização, a professora contou-me que alguns alunos têm dificuldades relacionadas à comunicação, ainda não montando frases completas ou ainda não conseguindo falar algumas palavras, para além do grande número de faltas da turma e a frequência de atrasos.

Durante a aula, a professora repassava com os alunos as letras e os fonemas do alfabeto, primeiro as vogais e depois, as consoantes. Em determinado momento, a professora precisou se ausentar da sala e eu, com receio, mas já querendo contribuir e conhecer melhor a turma, assumi por um momento a regência da turma, mesmo em um conteúdo que não tive preparo no ensino superior para lecionar. Fui apresentando as consoantes para a turma em um uso muito próximo daquele que experienciei nas aulas de Técnica Vocal e Laboratório Coral, mostrando que fonema faz “a cabeça tremer” ou que fonema “tem um som de estouro”. Nesse momento, percebi que, a disciplina de música, poderia contribuir com meus conhecimentos específicos para o fim de uma alfabetização eficaz e consciente dos alunos da turma a mim designada, por meio de aulas com ênfase na prática vocal coletiva.

A primeira e a segunda aula foram ocasiões de testar e adaptar oportunamente uma estrutura das aulas que permitissem trabalhar a prática vocal com os alunos, de maneira consciente e saudável. Para o delineamento dessa estrutura de aula, adaptei o procedimento geral utilizado nas aulas do Grupo Vocal Infante-Juvenil da UFPEL, do qual participo como monitor, bem como nas disciplinas de Técnica Vocal e Laboratório Coral, consolidado no binômio aquecimento vocal-prática vocal.

Na estrutura das aulas de estágio, por sua vez, ampliei os procedimentos, de forma a demonstrar para os alunos o objetivo de cada uma das atividades para a construção do canto. Desse modo, as aulas foram planejadas em torno de uma estrutura comum, composta por seis procedimentos principais: Prelúdio (revisão da aula anterior), Som e Silêncio (sensibilização sonora); Circuito de Aquecimento

Vocal (trabalho com respiração e emissão vocal); Preparação Direta ao Canto (Vocalises); Construção de Repertório (prática vocal coletiva) e Desaquecimento Vocal e Relaxamento.

Sobre o procedimento Construção de Repertório, vinculado ao objetivo geral das aulas, que constituía o momento central da aula, para o qual todos os procedimentos se encaminhavam, é necessário afirmar que foi um espaço propício para a escolha e construção coletiva de repertório, baseados nas potencialidades e interesses dos alunos. Nesse sentido, o repertório escolhido para as aulas, desenvolvido totalmente em uníssono, foi lentamente tomando um rumo diferente do qual havia inicialmente planejado, sem, no entanto, fugir às ideias de Folclore, como expressão da cultura popular brasileira, e Festa, condensando uma preocupação em apresentar aos alunos peças com caráter celebrativo e festivo, além da constante necessidade extramusical de auxiliar, em minhas aulas, no processo de alfabetização dos alunos (daí o “Fonema”).

Não obstante, as aulas fossem planejadas levando em conta a estrutura comum, outras atividades puderam ser desenvolvidas ao longo do estágio, entre elas, o Itinerário de Sensibilização Timbrística, desenvolvido em conjunto com a colega estagiária Sabrina Obiedo, no qual apresentávamos para os nossos alunos diferentes instrumentos a cada aula, como pandeiro e egg shaker (percussão de altura indefinida), violão (cordas dedilhadas), família das flautas doce (sopros), em certo casos apresentados por “professores convidados”, profissionais competentes e com conhecimento de causa para explicarem sobre seus instrumentos de estudo. Além disso, com essa proposta buscou-se proporcionar maior dinamismo e interesse para as aulas de música, evidenciando para a classe a variedade dos instrumentos musicais, seus timbres, suas peculiaridades e suas funções na música, além da possibilidade de construção de uma carreira na música, sobretudo em uma escola sem aulas de música no currículo.

Tal Itinerário articulou-se eficazmente com a visita das turmas ao Laboratório de Artes Populares Integradas da UFPEL (LAPIS), no qual foram apresentados aos alunos diversos instrumentos de percussão sinfônica, por meio de explicações dos professores e estagiários e da apresentação de peças coletivas, dentre as quais arranjos dos próprios estagiários e uma composição inédita de um dos estagiários. Na ocasião, as turmas somaram forças aos estagiários que estavam executando um arranjo de “Meu Limão, Meu Limoeiro”, constituindo um momento icástico da articulação dos conhecimentos produzidos no Ensino Superior, em disciplinas como Grupo de Percussão e Arranjo, com os conhecimentos construídos em sala de aula nos estágios.

Ao longo das aulas, pude perceber, por meio dos processos avaliativos que inseri ao longo de todas as aulas, o desenvolvimento dos alunos nas habilidades musicais trabalhadas, bem como na minha própria ação docente, com um trato cada vez mais natural e horizontal com os alunos, visto que para Nascimento (2022, p.7): “a avaliação deve auxiliar efetivamente o professor na reorganização e acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem, estimulando a reflexão e a melhoria da sua prática educacional”.

As dificuldades apresentadas pela turma não representaram em momento nenhum um obstáculo ou desafio para a realização da minha ação docente (como as conversas anteriores com a professora regente deram-me a entender), foi necessário sem dúvida uma ação paciente e empática com eles, por vezes mais firme, por vezes mais doce, sempre conversada com a equipe pedagógica da escola, a quem sempre recorria para relatar algum episódio notável em sala de aula e para devolver algum tipo de parecer avaliativo sobre a aula. Nesse contexto, pude

perceber que minha opinião como docente era levada a sério e que estava inserido (ainda que temporariamente) em um contexto escolar, que se vinculava às vivências familiares, sociais, econômicas, culturais e psíquicas dos estudantes.

A finalização do estágio dar-se-ia em uma apresentação interna, na qual cada turma apresentaria um excerto do repertório trabalhado em sala de aula. Infelizmente, devido às condições climáticas desfavoráveis, fez-se necessário cancelar a apresentação. Caso ocorresse, seria, certamente, uma grande oportunidade de celebrar a ação dos docentes de música no contexto escolar, mas, para além disso, uma ocasião de celebrar as vivências musicais dos alunos, suas conquistas e conhecimentos construídos, uma “Festa com F” de compartilhamento entusiasmado com os outros das músicas estudadas. Afinal, a música não traz na sua essência a generosidade do compartilhar? Quem faz música, no fim das contas, partilha com os demais, e multiplica a sua própria arte, não a guarda para si, mas faz ecoar o seu som, que se estende por distâncias incalculáveis... Quem poderá medir os efeitos desse tempo de estágio?

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio aqui relatado foi uma oportunidade de inserção eficaz no meio escolar, no compartilhamento (ainda que temporário e parcial) das dificuldades e conquistas vividas no Sistema de Ensino Brasileiro. Essa inserção na vida da escola foi um ponto essencial do meu estágio, fazendo-me compreender um pouco mais sobre minha própria condição de estagiário. Portanto, há de se reafirmar aqui que o estagiário não é, ou ao menos não deveria ser, um estranho na escola onde atua, um “extraterrestre” que faz visitas ocasionais, muito menos um “faz tudo educacional”. O estagiário deve ser ponte de inovação e revisão das práticas tanto da escola onde atua, quanto da universidade onde está inserido, tanto quanto lhe for possível. O estagiário deve ser, desde já, agente político para uma educação de qualidade, no constante diálogo entre o ensino básico e o ensino superior.

Em suma, qual o é o lugar do estagiário? Certamente, não somente na sala de aula, mas também na sala dos professores, nos corredores e escadas, na biblioteca, nas salas da universidade, na sala multimídia, no LAPIS, na porta da escola... Enfim, o lugar do estagiário é na plenitude da sua experiência docente, na medida do possível, na Escola e na Universidade, sempre atento, sempre disposto a fazer da sua ação docente um prelúdio de uma utopia.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008. **Dispõe sobre o estágio de estudantes e dá outras providências.** Acessado em 13 de set. de 2023. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm.

NASCIMENTO, K.M,S. Avaliação em Educação Musical: um olhar investigativo a partir dos documentos oficiais. In: **CONGRESSO DA ANPPOM**, 32. Natal, 2022, Anais eletrônicos... Acessado em: 14 set. 2024. Disponível em: <https://anppom-congressos.org.br/index.php/xxxiicongresso/xxxiiCongrAnppom/paper/view/1150>.)